NAS DOBRAS DAS PRÁTICAS DE LEITURA: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES E SUAS FAMÍLIAS

Andréa Pereira dos Santos[1]

Introdução

Desde o ano 2006 ministro disciplinas ligadas à leitura (teoria e história) no curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás - UFG. Além dos discentes do curso de biblioteconomia ministro a disciplina para discentes de outros cursos em formato de núcleo livre. Nessas disciplinas, procuro discutir a leitura levando em consideração a história das práticas de leitura dos estudantes, colocando-os como personagens dessa. Tal atividade surpreende a cada ano e não poderia deixar de compartilhar tais percepções.

Uma atividade sobre leitura que envolve a participação dos estudantes é produtiva, pois os torna objeto e sujeitos da própria discussão. E nada mais atual do que estudos como esse, principalmente no contexto de leituras fragmentadas ocasionado pela explosão da informação. Outro aspecto interessante é que tal atividade envolve os familiares dos estudantes, estabelecendo uma forma de aproximação entre a família e a universidade.

O questionamento levantado com essa atividade é: como se dá o processo de construção e formação de leitores dos estudantes dos cursos de graduação da UFG e qual a contribuição da família nessa formação? Questiono também qual é o conceito de leitura e de leitor trazido pelos estudantes. Além disso, busco compreender quem são os personagens que contribuem para as práticas de leitura dos estudantes. São os familiares? Como construir uma história das práticas de leitura familiar? Enfim, objetiva-se, assim, compreender o processo de formação e construção do leitor por meio das suas histórias de leitura, inclusive familiares.

Trabalhos sobre práticas de leitura são bem recorrentes em nossa literatura. Entretanto, autores que me influenciaram nessa temática foram: Chartier (1990, 2001), que no livro *A história cultural: entre práticas e representações* discute os conceitos ligados à história cultural nos fazendo compreender como o sujeito constrói seus saberes individualmente e coletivamente. Já no livro *Práticas de leitura* são juntados vários textos de autores diferentes em que há um debate acerca dos sentidos da leitura no cotidiano das pessoas; Abreu (1999, 2001), com discussões em torno da história da leitura e dos preconceitos em leitura. Destaco essa última porque a história das práticas de leitura dos universitários revela resquícios de preconceitos com certos tipos de leitura. Outra autora que contribui para minha reflexão é Melo (2007), a qual, em sua tese de doutorado transformada em livro, discute as primeiras práticas de leitura em Goiânia.

Outro ponto de destaque para essa reflexão será entender o uso de outros suportes de leituras nas práticas atuais, já que é frequente encontrar leitores manuseando textos a partir de computadores portáteis, celulares e *tablets*. A utilização desses equipamentos de leitura é fácil de ser notada em bibliotecas, salas de aulas, corredores dentre outros espaços. Além dos livros, os leitores carregam consigo seus *laptops e tablets.* Notei que os leitores trabalham com essas duas mídias em conjunto.

Enfim, percebi também que a inserção do computador portátil se deu de maneira muito natural sem a cobrança das instituições formais e sim com a adesão voluntária dos leitores a partir de um acesso mais facilitado: estimulado por barateamento dos equipamentos e acesso a rede sem fio de Internet.

---

[1] Professora adjunta do Curso de Biblioteconomia da UFG. . Graduada em biblioteconomia, especialista em Docência Universitária, Mestre em Comunicação e Doutora em Geografia Humana. *E-mail:* andreabiblio@gmail.com.

Este texto está dividido em duas partes. Na primeira, faço uma breve análise dos discursos sobre leitura a partir dos autores da área. Na segunda parte, trago o caminho metodológico, bem como apresento uma análise do que constatei nas apresentações realizadas pelos estudantes nas disciplinas já mencionadas.

Discursos sobre leitura

O referencial teórico escolhido para fundamentar a temática aqui apresentada foi meu estímulo para a escolha do objeto. Esses autores é que motivaram a ideia de pesquisa que apresento agora.

De início, destaco alguns discursos pessimistas os quais me entristeciam ao denunciarem sempre o problema da falta: falta educação, falta interesse, falta leitura e falta motivação. Como professora da disciplina de "Leitura e sociedade" e "História da Cultura e dos Registros do Conhecimento" na faculdade, comecei a sentir uma certa angústia de sempre levar esse discurso da falta para dentro da sala de aula e, algumas vezes, reconheço que até levei.

Entretanto, curiosa pelo tema leitura e algo mais que pudesse motivar enquanto professora, descobri o trabalho *A invenção da cidade: leitura e leitores* da professora Orlinda Carrijo Melo. A surpresa veio logo no início com o prefácio escrito por Márcia Abreu em que ela comenta sobre o descrédito dos viajantes estrangeiros em relação à leitura praticada no Brasil em período anterior a Independência. Ao mesmo tempo ela deixa explícita a importância do trabalho da professora Orlinda que demonstra a presença da leitura na cidade de Goiânia, contrariando, dessa forma, o discurso dos viajantes de outros tempos.

A partir daí passei a ler e pesquisar mais sobre essas diferentes práticas de leitura, não a partir das pesquisas quantitativas como exemplo "Retratos da Leitura no Brasil", mas sim a partir da história das práticas de leituras pelos próprios leitores. Comecei, assim, a vislumbrar outras possibilidades de interpretação dos discursos sobre leitura.

Melo (2007) foi fundamental nesse ponto por comprovar práticas de leitura realizadas em Goiânia à época da construção da capital, desfazendo discursos que denunciavam uma certa ausência dessas práticas na cidade em meados da década de 1940. Ao mesmo tempo, foi importante também Abreu (1999, 2001), ao realizar uma pesquisa em âmbito nacional e latino americano comprovando a importação de livros no Brasil e em outros países latinos. Em seus estudos, ela desfaz os discursos dos viajantes os quais denunciavam que no Brasil colonial não havia cultura e tampouco interesse pelo livro. Abreu afirma ainda que tais dizeres estão presentes até hoje nas propagandas e em tantos outros meios que tendem a acusar as pessoas de maneira geral de não terem interesse pela leitura.

Antes disso, Lajolo e Zilberman (2009), ao falar sobre a formação da leitura no Brasil, indicam a presença da leitura, principalmente com a ampliação do mercado do livro, a difusão da escola, a alfabetização das massas populares. Vê-se nos estudos dessas duas autoras que as práticas de leitura estão, integralmente, ligadas ao acesso.

A história nos mostra que as práticas de leitura têm se intensificado principalmente a partir do século XVIII com a expansão da literatura de massa, especialmente na Europa. É nessa época, também, que há um crescimento do número de periódicos científicos e jornais diários. Passa-se nesse momento da prática de leitura intensiva para a leitura extensiva, como já pontuado por Darnton (1992). Essa grande oferta de textos para leitura leva muitos a questionarem a "qualidade" ou "validade" de certas leituras. A leitura passa a ser hierarquizada: leitura boa é a leitura dos clássicos, por exemplo. Leituras fáceis são vistas como não leituras ou leituras que não acrescentariam conteúdo ao seu leitor.

Chartier (1998, 1999, 2001a, 2001b) em seus vários escritos sobre as práticas de leitura, pondera a existência de modos diferenciados de leituras e leitores, bem como dos seus suportes. A biblioteca azul ou *bibliotheque bleue*[2] analisadas por esse autor, nos faz compreender o intenso interesse das pessoas pela literatura de massa.

No Brasil, Abreu (2001) e Melo (2007) afirmam haver um forte discurso presente em nossa sociedade de uma tal ausência de leitura. Esse discurso da ausência tem se propagado não só "entre estudantes, mas também entre as pessoas mais velhas, intelectuais ou não, alastrando-se pela mídia, pelas escolas, universidades e secretarias de educação" (MELO, 2007, p. 11). Tais lamentos acerca da falta de leitura, são denúncias de viajantes que estiveram no Brasil e "essas avaliações fizeram escola entre os intelectuais e os escritores brasileiros que, no século XIX, mantêm o mesmo tom, acrescentando uma nota de amargura de quem fala da própria realidade" (ABREU, 2001, p. 140).

Essas reflexões dos autores demonstram haver um conceito de leitura mais amplo do que o proposto pelo senso geral ou pelos cânones escolares. Nesse sentido, o conceito de leitura mais próximo que traduz bem as reflexões até aqui exaltadas está em Goulemot (2011, p. 108): "ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências". Desse modo, pode-se dizer que a leitura não pode estar presa a conceitos predeterminados e nem a interpretações singulares e homogêneas. A leitura e o entendimento do que se lê não tem limites. Nem o autor e nem o crítico podem interferir nos sentidos da leitura para seus diversos leitores. Os sentidos, entendimentos e interpretações são espontâneos e dependem do arquivo intelectual de cada pessoa e, como cada um tem uma história de vida diferente um do outro, o mesmo acontece com a leitura.

A história das práticas de leitura a partir da visão dos próprios leitores trazem discursos diferentes dos propagados pelos cânones escolares. Muitos até não se consideram leitores por não lerem aquilo que se propõe como boa leitura. Porém, são leitores, diversos, variados e *hipertextuais*. São esses leitores que apresento no próximo tópico. Essa percepção corrobora com Chartier (1999, p. 103), quando este diz: "aqueles que são considerados não leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar, define como uma leitura legítima". E a história cultural das práticas de leitura dos estudantes mostra que suas trajetórias são atravessadas, em diversos momentos, por leituras "marginais" como veremos mais à frente.

A história cultural das práticas de leitura

Peter Burke em seu livro *O que é história cultural?* destacou que "o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar" (BURKE, 2008, p. 8). Assim, reconstituir essa história cultural das práticas de leituras das pessoas vai além de quantificar o que se leu ou deixou de ler e sim entender o sentido dessas leituras para sua formação enquanto sujeito da história. A História Cultural contribui para a reflexão sobre história vista de baixo, mas não desconsiderando a grande história da leitura a qual também se reflete naquilo que se lê tanto no passado quanto no presente.

Outro autor importante para o entendimento da História Cultural das práticas de leitura é Chartier (1990), não só por destacar a importância das representações quanto por esclarecer como em diferentes lugares e épocas uma realidade social é construída. Essa obra de Chartier também levanta questões sobre a história das práticas de leitura ligando-as à ideia de representação.

[2] Essas obras são reeditadas utilizando-se de uma linguagem acessível aos menos escolarizados. Esse tipo de leitura com linguagem simples como a biblioteca azul é citada, frequentemente, pelos leitores que participaram do presente estudo.

Ao analisar as práticas de leitura dos estudantes percebe-se que elas estão ligadas ao cotidiano em que as pessoas criam sua arte de fazer e inventar (CERTEAU, 2007). Os leitores de hoje, em diferentes graus, adquirem tais habilidades, principalmente, se no seio da família exista situações que favoreçam o acesso. É o que mostro nas análises mais adiante.

O caminho em busca de práticas de leitura

Em relação à forma de abordar o problema, as pesquisas podem ser qualitativa e quantitativa e quanto aos objetivos, podem ser de caráter: exploratória, descritiva e explicativa (GIL, 1991). Como busco nesta pesquisa as memórias de leitura dos estudantes e seus familiares, pretendo utilizar a pesquisa qualitativa com caráter exploratório.

As pesquisas qualitativas são ideais para que possamos realizar análises mais profundas por mostrar dados que revelam resultados não quantificáveis, principalmente quando o objeto de pesquisa é o ser humano. Assim, optou-se pela pesquisa qualitativa tendo como subsídio teórico a história cultural. A historia cultural é aquela que não está presente na grande história tradicional; ela é a micro-história ou a história vista de baixo (BURKE, 2008; DOSSE, 2003; HUNT, 2001; LE GOFF, 1998).

O procedimento de coleta de dados utilizado foi gerado durante as atividades realizadas nas duas disciplinas ministradas: Leitura e Sociedade e História dos Registros do Conhecimento. Cada estudante deveria levantar a história das práticas de leitura familiar entrevistando avós, pais, irmãos e apresentar um relato da própria prática. Depois o estudante apresentaria sua história em formato de seminário e entregaria um texto dissertativo sobre o tema.

Esta análise consistiu de observar a postura dos estudantes durante a apresentação: suas emoções e inquietações e de verificar se eles faziam relação das histórias das práticas de leitura com os grandes acontecimentos ditados pela história tradicional.

Esta pesquisa tem como principal aporte a História Cultural, a ser utilizada no trabalho de campo e na observação interpretativa dos discursos. A pesquisa qualitativa é uma tentativa de compreender, com detalhes, significados e características situacionais apresentadas pelos atores sociais, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos (RICHARDSON, 1999). Entretanto, uma pesquisa qualitativa não deve negar o aspecto quantitativo, mas incorporar ao processo de interpretação, com vistas ao enriquecimento das explorações, descrições e explicações inerentes ao estudo, uma vez que estes não se contrapõem.

A busca pela memória de leitura dos estudantes universitários requer consistência metodológica para o seu entendimento. Suas nuances não podem ser medidas ou qualificadas simplesmente. Estas, como o fez Demo (2001), devem vislumbrar para os fenômenos humanos como um conjunto complexo, que tangencia a realidade de maneira inventiva e intensa, uma vez que os seres humanos não valorizam apenas o raciocínio lógico, mas "igualmente o envolvimento emocional, algo extremamente complexo, não-linear, dinâmico e sempre contraditório" (DEMO, 2001, p. 30). A informação emocional, compreendida de valores, se coloca como pleito que deve ser respeitada, pois a pessoa não apenas diz o seu lugar, vivencia-o emocionalmente.

Fatos e memórias emergem dos objetos, da fala, dos gestos, e constituem-se num registro que guarda uma diversidade profunda de manifestações inerentes à trajetória de cada pessoa, no contexto em que sua vida cultural foi constituída. Dessa maneira, a oralidade constitui-se numa modalidade de pesquisa em que o relato das pessoas é a sua verdade, ou seja, é a versão que o narrador oferece.

A história das práticas de leitura dos estudantes e suas famílias

Durante esses anos ministrando as disciplinas ligadas à leitura e à história da leitura e acompanhando os trabalhos apresentados pelos estudantes dentro delas, pude perceber que houve uma aproximação bem maior dos estudantes com a teoria apresentada em sala de aula. Mesmo porque, os estudantes se viram dentro das discussões. Da mesma forma que fazemos elucidar a história das práticas de leitura de teóricos como Freire, Bourdieu, Proust ou de como Jamerey-Duval[3] começou a ler (HEBRARD, 2001), queremos, também, mostrar que muitas das práticas de leitura dos estudantes de hoje, vieram de uma relação histórica com os primeiros textos e dos exemplos de leitura que presenciaram junto às suas famílias.

As apresentações, em muitos momentos, foram carregadas de emoção, pois com toda a correria da vida e da própria universidade a maioria dos estudantes não conhecia a própria história e nunca tinham parado um pouco para refletir sobre ela.

Percebi um fato difundido por inúmeros autores: que o acesso ao material livro é mais comum nas famílias com maior poder aquisitivo e com pais com formação superior (RETRATOS, 2011). Ao analisar esse fato, percebe-se que, realmente, o custo do texto escrito, seja em que formato ou suporte, ainda é caro.

Outro detalhe que chama a atenção é a presença da bíblia na maioria dos lares. Tendo-a como principal instrumento de leitura independente da classe social. Interessante, pois, desde Idade Média e da invenção da imprensa de Gutenberg, ela é presente na nossa história da leitura. Tal fato leva a crer no papel social e cultural que a religião tem de poder influenciar, ou não, outras práticas de leitura.

Os estudantes iniciavam suas apresentações contando um pouco das suas histórias de vida. Revelam partes doloridas e difíceis passagens tendo a entrada à universidade como uma grande conquista. Tinham receio de falar da sua própria história por achá-la sem importância, pois a maioria dos pais não tinha escolaridade e isso, em alguns casos, causava vergonha.

Eu deixava claro para os estudantes que toda história tem valor e significado para o que eles são hoje. Portanto, se estavam sentados à cadeira da universidade deviam isso a seus pais pelos esforços e entendimento de que estudar é importante para o sucesso profissional de cada um.

Muitos não enxergavam dessa maneira. Não tinham parado ainda para pensar que o pedacinho de história dos seus pais, avós ou de quem os criou, tem reflexo no seu cotidiano e no seu dia a dia. E, acima de tudo, essa história pessoal reflete um acontecimento de um grupo, por expor momentos, acontecimentos comuns aos outros. Essa micro-história propõe a reflexão das práticas, das representações e a história da memória, elementos próprios da Nova História Cultural (BURKE, 2008).

Ao remeter a suas memórias, a personagem mais citada a respeito das práticas de leitura foi a mãe. Ela foi lembrada tanto por incentivar as práticas de leitura a partir da leitura de livros na hora de dormir quanto por sua imagem de leitora. Ver a mãe lendo tinha um significado simbólico para os filhos, pois sua expressão agradável de leitora instigava a curiosidade de saber o que a atraia tanto. Santos (2014) em sua tese de doutorado, também mostra a importante figura da mãe nesse processo. Em sua pesquisa, ela afirma que a mãe sempre foi lembrada como a principal personagem na construção do leitor.

As mães também tinham a preocupação em formar acervos domésticos comprando enciclopédias, livros de pesquisa geral e histórias infantis e juvenis que eram vendidos por mascates. Tais práticas de venda ambulante de livros são lembradas como literatura de *colportage* (CHATIER, 2005, p. 104). Essa venda porta a porta contribuiu para o acesso a

[3] História de um autodidata camponês do século XVIII que aprendeu a ler sozinho e ele próprio vai em busca das pessoas cultas para alimentar sua própria erudição.

leitura por muitas famílias, principalmente para aquelas que viam na leitura um instrumento de crescimento pessoal, intelectual e profissional. Muitas mães compravam tais livros por notas promissórias as quais eram pagas em inúmeras prestações cobradas mês a mês.

Essa necessidade de compra de livros por mascates mostra a ausência de espaços públicos de leitura: as bibliotecas escolares e públicas. As estatísticas sobre número de bibliotecas por habitantes mostram que estamos longe do ideal de acesso a essas instituições. Segundo o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), em 2014[4], havia em média no Brasil 33 mil habitantes por biblioteca. E esse número pode ser bem pior dependendo da localização ou município.

Apesar do discurso acerca da ausência de bibliotecas ser comum na fala dos estudantes, alguns enunciaram experiências nesse espaço. Um certo número de estudantes disseram que as bibliotecas eram espaços de castigo. A leitura, punição. Para a maioria esse fato se refletiu como ponto negativo a despeito daquele espaço e das práticas de leitura, porém para outros foram nesses momentos de "castigo" que se descobriu livros, autores, histórias e outros escritos os quais instigaram suas curiosidades.

Houve, também, discursos de encantamento acerca da biblioteca. Eles contam experiências pedagógicas, culturais e lúdicas nesse espaço, revelando que a escola tinha o entendimento ideal da importância da biblioteca para a formação do estudante.

A biblioteca pública também apareceu nos discursos como espaço de pertencimento e de sociabilidade. Há relatos, principalmente, daqueles que moravam no interior e tinha acesso à biblioteca a qual ficava no centro da cidade. Foi dito que a biblioteca era local de encontro e de lazer.

Santos (2014) afirma que o lugar e as trajetórias socioespaciais dos sujeitos podem contribuir para o acesso aos espaços de leitura. Ter acesso a tais espaços possibilita o encontro com uma variada gama de leituras. Entretanto, essa proximidade não pode ser somente espacial, mas também de pertencimento. As pessoas, de um modo geral, precisam sentir a biblioteca como sua. As estruturas, culturas e instituições, às vezes, afastam mais que aproximam.

Além das bibliotecas, as praças, consultórios, salas de espera em geral e parques também foram lembrados como espaços de contato com a leitura. As praças e parques foram detalhados como locais tranquilos para a prática da leitura, principalmente de lazer. Já os consultórios e salas de espera em geral foram citados como espaços de acesso à leitura de jornais e revistas. Todos esses discursos confirmam nossa afirmação de que o maior problema da possível ausência de leitura é mais por falta de acesso do que pelo gosto.

As mães, nesse sentido, ao contarem e lerem histórias reforçam a aprendizagem adquirida pelas crianças na escola. Para Certeau (2007, p. 263):

> A criança escolarizada aprende a ler paralelamente à sua aprendizagem da decifração e não graças a ela: ler o sentido e decifrar as letras correspondem a duas atividades diversas, mesmo que se cruzem. Noutras palavras, somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação semântica cujas expectativas a decifração de um escrito afina, precisa ou corrige.

Além das mães, os pais, avós, irmãos e professores também foram lembrados como incentivadores das práticas de leitura, ou por ser exemplo de leitor ou por dar acesso à leitura para os sujeitos. Essas figuras influenciadoras das práticas de leitura emergem nas memórias demonstrando uma aproximação afetiva a qual efetiva práticas culturais de leitura.

[4] Disponível em <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/11/brasil-tem-uma-biblioteca-publica-para-cada-33-mil-habitantes.html>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2016.

As leituras explicitadas pelos estudantes e seus familiares nem sempre são aquelas presentes na escola ou na academia. Os estudantes enunciam textos, práticas de leituras de materiais diferentes da literatura erudita. Lembraram-se, também, de histórias em quadrinhos, livretos de bolso, revistas, textos da internet dentre outros. São leituras que, muitas vezes, não são consideradas como tais pelos cânones e são citadas pelos próprios estudantes também como não leitura, justamente por conta desses discursos já impregnados na sociedade desde sempre. Entretanto Goulemot (2011, p. 107) lembra que "Seja popular ou erudita, ou letrada a leitura é sempre produção de sentido".

Essas leituras citadas pelos estudantes são de fácil acesso, seja pelo custo ou por estarem disponíveis, principalmente em espaços não formais de leitura. São, também, textos com construções mais simples e linguagem acessível às pessoas comuns, com baixa escolaridade ou que tem dificuldade de ler textos mais densos. Para Chartier (1999, p. 104):

> O problema não é tanto o de considerar como não leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar.

Nesse sentido, para Chartier, não se trata aqui de se conformar apenas com as leituras, por vezes, praticadas pelos sujeitos de uma forma geral e, sim, entender que a partir delas pode-se incluir tantas outras leituras, desde que o acesso a elas também seja facilitado. "Ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais" (GOULEMOT, 2011, p. 113).

Além da leitura do impresso, floresce, cada vez mais, a leitura a partir do suporte digital. São, a grosso modo, leituras fragmentadas, porém não deixam de ser leituras. Essas leituras foram exaltadas pelos estudantes e, também, uma realidade impossível de ser desfeita. Há, segundo os estudantes, dificuldades em filtrar tais leituras justamente por conta do excesso. Mas feliz ou infelizmente, esse é o preço que se paga por viver na era da informação digital. A era da informação cria, segundo Santaella (2004, p. 33), o leitor imersivo "um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada nó e nexo pode conter uma outra rede numa outra dimensão" (SANTAELLA, 2004, p. 33).

Esse leitor tem, nesse contexto, uma gama de possibilidades de hipertextos os quais permitem a interação com diferentes culturas e pessoas. Devido a facilidade de acesso à internet via instituições de ensino públicas, o estudante tem a possibilidade de se integrar a essas redes. Mesmo com todos os problemas e dificuldade de assimilação desse oceano de informações, ter acesso ao texto escrito na internet contribui para o estabelecimento de diferentes práticas de leitura.

Considerações finais e proposições

As trajetórias de vida e as práticas de leitura dos estudantes e seus familiares apontam detalhes das práticas de leitura as quais não são possíveis de serem realizadas somente por meio das pesquisas quantitativas sobre o tema. Elas sinalizam para que os estudos acerca das práticas tenham de investigar, com mais detalhe, aquelas leituras diversas presentes nas trajetórias de vida dos sujeitos.

O resultado aqui apresentado sobre a história das leituras dos estudantes e seus familiares, mostrou a presença das práticas de leitura em todas as famílias, principalmente a leitura religiosa. Nesse caso, a bíblia foi o texto mais citado durante as apresentações. Ela é também o material textual em que o acesso é mais facilitado. Além da bíblia outros tipos de leitura também foram citados: revistas, jornais, livros de bolso etc.

Fica evidente que essas leituras são praticadas porque estão disponíveis em diversas instâncias sejam elas formais ou informais. Assim, as políticas pública devem garantir leituras acessíveis em espaços de passagem e de pertencimento dos sujeitos como terminais de ônibus, rodoviárias, hospitais públicos, dentre outros.

Além da construção de espaços, as campanhas em prol do letramento devem focar as classes menos favorecidas da sociedade, pois são elas, segundo a "Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil" (2011), que menos consomem o texto em formato de livro. Outro ponto a ser considerados é aumentar as possibilidades de aquisição de itens informacionais, sejam eles em suporte digital ou físico em diversos suportes a partir do barateamento desses, em especial, do livro.

É relevante, nesse contexto, dar atenção às práticas de leitura da atualidade. Critica-se e fala-se muito de leituras fragmentadas e acusa-se a juventude de não gostar de ler. Talvez hoje - esse é o resultado de uma pesquisa de doutorado finalizado por Santos (2014) - o jovem lê mais. De forma fragmentada? Pode ser. E, provavelmente, não poderia ser diferente já que há uma infinidade de informações difíceis de digerir.

As leituras da internet também são criticadas. Porém, acredito que as redes sociais e a própria internet têm contribuído para a construção e formação desse jovem leitor. Podemos pensar também que ele esteja praticando aquela leitura extensiva mencionada por Darnton (1992). Segundo ele, antes do século XVIII era possível a prática da leitura intensiva, já que a produção livreira era restrita na Europa. Porém, depois dessa data, a produção de informações se tornou mais extensa não sendo possível a prática da leitura intensiva.

Referências

ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB. São Paulo: FAPESP, 1999.

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.) **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **A escola dos annales 1929 – 1989**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 259-272.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001a.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245 p.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

CHARTIER, Roger. Leitura e leitores populares: a Biblioèque bleue e a literatura de colportage. **Desenredo**: Revista do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Passo Fundo, jan./jun. 2005.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 199-236

DEMO, Pedro. **Metodologia de pesquisa em Ciências Sociais**. 2 ed. São Paulo, Atlas: 1989.

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos Annales à nova história. Bauru, SP: Edusp, 2003.

GIL, Antônio Carlos**. Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Dir.). **Práticas de leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

HEBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar: como Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2009.

LE GOFF, Jacques. **A história nova.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MELO, Orlinda Carrijo. **A invenção da cidade**: leitura e leitores. Goiânia: Ed. Da UFG, 2007.

RETRATOS da leitura no Brasil. São Paulo: Instituto Pró-Livro; IBOPE Inteligência, 2011. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>. Acesso em: setembro de 2012.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo Atlas: 1999.

SANTOS, Andréa Pereira dos. **Juventude da UFG**: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.